

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológica do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 205p.

O livro constitui a versão abreviada e reformulada da tese de Doutorado defendida em junho de 1987 na Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo.

Nesta obra, o autor comenta questões importantes sobre o conhecimento escolar: Que ensinar? Quais as relações para se ensinar determinados conteúdos e não outros? Quais as relações entre a seleção implicada no conceito de currículo e o processo de desigualdade social? Quais as relações entre cultura erudita e cultura popular no contexto da elaboração do currículo escolar?

Faz, para tanto, uma revisão exaustiva dos diferentes e variados autores, dentre eles Raymond Willians, Geoffrey Bantock e Paul Hirst que se destacam na década de 60, e, as contribuições de Bernstein, Young, Vulliamy e Geoff Whitty na década de 70, que tentaram dar respostas a essas e outras questões referentes ao currículo educacional, sob a ótica da Sociologia Crítica.

No capítulo introdutório, o autor discute a relação entre educação e cultura, salientando que um dos problemas que vem incomodando os educadores se prende ao fato de não se saber mais o que verdadeiramente merece ser ensinado.

Enfatiza que a cultura é o conteúdo substancial da educação, cabendo à escola fazer uma seleção no interior desta cultura e uma reelaboração dos seus conteúdos, destinados a serem transmitidos às novas gerações. O autor coloca que o educador em muito influencia ao selecionar o que deve ser perpetuado e o que deve cair no esquecimento. Os determinantes, os mecanismos, os fatores desta seleção cognitiva e cultural variam de acordo com os países, as épocas, as ideologias políticas ou pedagógicas dominantes, os públicos de alunos.

Nos capítulos 1 e 2 comenta as contribuições do pensador socialista R. Willians, do teórico neo-conservador Bantock e do filósofo racionalista Paul H. Hirst para explicitar as características da ligação entre teorias da educação e teorias da cultura. O primeiro defende que certos aspectos da cultura do passado sobrevivem e constroem a memória

cultural de um grupo, "tradição seletiva", sendo que cabe à educação a tarefa de difundir este patrimônio comum. A educação tem a função de socialização global, de especialização bem como de educação geral; já Bantock é contra a política educativa de igualdade de oportunidades e da democratização cultural. Considera que os indivíduos são desigualmente aptos para se beneficiarem dos recursos educativos e que toda educação é, em essência, "desequalizadora", daí porque a grande massa da humanidade não deveria jamais aprender a ler e a escrever. Considera a cultura de massa antieducativa bem como utópica a transmissão generalizada de uma cultura alfabética e erudita, daí porque a escola tem de oferecer cursos diferenciados para clientelas distintas.

O ensino deve ser geral ou liberal, visar ao desenvolvimento do pensamento conceitual, à transmissão de saberes ou à iniciação dos valores?

Na concepção do autor, "a escola não deve talvez transmitir senão valores, mas deve-se reconhecer que é ainda o que ela sabe fazer melhor, o que a sociedade tolera melhor que ela faça, e que ninguém faz melhor do que ela, ainda que se possam muito bem imaginar outros canais e outras redes para outros tipos de transmissões".

Nos capítulos 3, 4 e 5 analisa as contribuições originais dos anos 70 da "Nova Sociologia da Educação", por ser uma Sociologia do currículo, uma Sociologia centrada na questão dos determinantes e dos fatores (culturais, sociais, políticos) dos processos de seleção, de estruturação e de transmissão dos saberes escolares. Dentre os principais representantes tem-se Bernstein, Michael Young e Pierre Bourdieu, que elucidam o olhar crítico, sobre os saberes e os conteúdos simbólicos veiculados pelo currículo. Analisa os sistemas educacionais de alguns países quanto às formas de delimitação dos saberes escolares explicitadas por Bernstein — compartimentação e enquadramento, as quais implicam à atuação do professor e do aluno em termos de relacionamento, desenvolvimento da capacidade de iniciativa.

Outra contribuição que destaca é a de M. Young que se prende ao estudo sociomorfológico dos currículos, ressaltando que os processos de seleção e de organização dos conteúdos cognitivos e culturais do ensino traduzem os pressupostos ideológicos e os interesses sociais de grupos dominantes.

O autor analisa também as implicações educativas do pluralismo cultural bem como o problema do fracasso escolar e das desigualdades de desempenho, segundo a origem social e suas repercussões para o currículo, as correntes que defendem o "currículo comum" do "currículo diferenciado", e, as correntes que pregam o "ensino multicultural" e a "Pedagogia Intercultural".

Esta obra, em síntese, constitui uma fonte de consulta e reflexão por parte dos educadores e equipes interessadas em desenvolver um trabalho coletivo de

planejamento, acompanhamento e implementação de currículo. Aponta novas perspectivas para compreensão deste assunto, do papel da escola, alargando os estreitos horizontes marcados pelos modelos e teorias de influência americana na área de currículo.

Miguel André Berger